

Valorações dos projetos discursivos e formas de recepção de leitura dos gêneros notícia e horóscopo

Values of discursive projects and forms of reception of reading of the genres news and horoscope

Ev'Angela Batista Rodrigues de Barros¹

Resumo

Pesquisas recentes em Análise Dialógica do Discurso (ADD), baseadas nos pressupostos seminais de Bakhtin (2003, 2006), Bakhtin; Volochinov (2002), realizadas por autores como Rojo (2005), Brait (2005, 2006), Acosta-Pereira (2008), entre outros, reiteram a centralidade do estudo dos diferentes gêneros circulantes nas distintas esferas comunicativas pelas quais transitam os falantes. Considerando o funcionamento real da língua, podem-se desvelar estratégias pelas quais indivíduos concretos, situados, relacionam-se consigo e com o outro por meio de suas enunciações, resgatando, nos seus, outros interdiscursos precedentes. O estudo de instâncias textuais particulares contribui para a apreensão de fenômenos mais amplos relativos à linguagem humana. Neste sentido, a pesquisa em foco, além de uma teorização mais ampla – gênero, discurso, tipologia textual –, analisou especificamente os projetos (socio)discursivos dos gêneros notícia e horóscopo. Por meio de corpus constituído por teste aplicado a 113 graduandos da PUC Minas (cursos de Administração, Ciências Contábeis e Letras), buscou responder as questões: como o leitor “experencia” e apreende as enunciações materializadas sob essas duas molduras textuais? Qual valor lhes atribui? Esta postura é individualizada ou fomentada coletivamente, consolidada por uma maneira específica de valorar a produção e o consumo de certos gêneros? Que aspectos léxico-semânticos e gramaticais concorrem para promover o acoplamento de determinada valoração a cada um destes gêneros? Os resultados obtidos lançam luzes sobre um modo particular de produzir sentido, a partir da materialidade linguística dos gêneros, relacionando-a com as condições em que estes foram engendrados, e, desta forma, contribui para uma compreensão mais ampla das práticas de linguagem.

Palavras-chave: Gêneros discursivos. Projeto (socio)discursivo. Notícia. Horóscopo.

Abstract

In recent Dialogic Discourse Analysis (DDA) research, based on the seminal assumptions of Bakhtin (2003, 2006), Bakhtin and Voloshinov (2002), conducted by authors such as Rojo (2005) , Brait (2005, 2006) , Acosta - Pereira (2008) , among others, emphasized the centrality of the study of different genres circulating in different communicative spheres through which pass the speakers. Considering the actual functioning of the language, one can uncover strategies by which specific individuals socially situated, can relate to each other through their utterances, rescuing, in their speeches, speeches of others who preceded them. The study of particular textual instantiations contributes to the apprehension of broader phenomena related to human language. In this sense, this research, in addition to the theory concerning the issue more broadly - gender , speech , text typology – is concerned to specific analysis of the (socio)discursive projects genres of news and horoscope. Through a corpus formed by a test applied to 113 students from PUC Minas (courses in Management , Accounting Sciences and Letters), sought to answer the questions: how the reader "experiences" and seizes utterances materialized under these two text frames? What value assigns them? This posture is individually or collectively fostered, consolidated by a specific way of evaluating the production and consumption of certain genres? Which lexical-semantic and grammatical aspects contribute to promote the coupling of certain valuation to each of these genres? The results shed light on a particular way of producing meaning from the linguistic materiality of genres, relating it to the

¹ Professora Adjunta IV do Departamento de Letras da PUC Minas; Professora colaboradora do Programa de Pós-graduação em Letras. Coordenadora de Gestão de Processos Institucionais do PIBID PUC Minas. Coordenadora Adjunta do CESPUC – Centro de Estudos Luso-afro-brasileiros da PUC Minas.

conditions in which they were engendered, and thus contributes to a broader understanding of language practices .

Keywords: Discursive gender. (Socio)discursive project. News. Horoscope.

1. Introdução

Este trabalho decorreu da investigação de possíveis motivos pelos quais certos gêneros são dotados de aparente “efeito de verdade”, um credenciamento apriorístico, que os distancia de outros, também didatizados, ao verificar a reação subjetiva dos alunos diante da exposição a variados gêneros, em sala de aula. Com o objetivo de dimensionar melhor essa valoração, buscou-se fundamentação na literatura concernente ao tema, além de realizar uma análise de base empírica, por meio da aplicação de um teste de percepção subjetiva a 113 graduandos (cursos de Administração, Letras e Ciências Contábeis), buscando compreender que aspectos funcionais, atinentes ao projeto sociodiscursivo dos gêneros notícia e horóscopo, estaria na base de um olhar que já se mostra avaliativo em sua origem, ao deparar-se com materializações destes, inseridos num mesmo suporte ou não.

A base teórica utilizada foi a Análise Dialógica de Discurso (ADD), cujos pressupostos metodológicos remontam aos estudos de Bakhtin (2003, 2006) e desdobramentos realizados por diversos autores (como Rojo, 2005; Rodrigues, 2005; Brait, 2005, 2006; Acosta-Pereira, 2008, 2010), focalizando os gêneros e sua constituição, seu funcionamento e respectivos projetos sociodiscursivos.

As estratégias metodológicas de cunho bakhtiniano respaldam-se no estudo das formas da língua e das interações verbais situadas, isto é, contextualizadas em suas condições sociais de realização; desta forma, os enunciados não são considerados isoladamente, a partir de seus elementos constitutivos, mas avaliados em consonância com a situação de interação em que foram atualizados, buscando compreender a forma de “estabilização” dos gêneros que os concretizam (ou a habitualidade da “moldura” em que são produzidos e interpretados).

Neste sentido, Brait (2006) salienta que a ADD permite

[...] esmiuçar campos semânticos, descrever e analisar micro e macro-organizações sintáticas, reconhecer, recuperar e interpretar marcas e articulações enunciativas que caracterizam o(s) discurso(s) e indicam sua heterogeneidade constitutiva, assim como a dos sujeitos aí instalados. E mais

ainda: ultrapassando a necessária análise dessa “materialidade linguística”, reconhecer o gênero a que pertencem os textos e os gêneros que nele se articulam, descobrir a tradição das atividades em que esses discursos se inserem e, a partir desse diálogo com o objeto de análise, chegar ao inusitado de sua forma de ser discursivamente, à sua maneira de participar ativamente de esferas de produção, circulação e recepção, encontrando sua identidade nas relações dialógicas estabelecidas com outros discursos, com outros sujeitos. (BRAIT, 2006, p.13)

Nesta perspectiva, busca-se identificar, na materialidade e na heterogeneidade constitutivas, as marcas dos sujeitos criadores destes intertextos, com outros textos articulados, considerando-se, por um lado, que não há categorias predefinidas para encaixar os textos e discursos enfocados, o que salienta a necessidade de rigoroso aporte teórico-metodológico, para que a apreensão das estratégias utilizadas para a produção de sentidos e valores não se perca. Tomando como ponto de partida a situação social da enunciação, o caminho metodológico consiste num “enfrentamento dialógico” dos discursos analisados, buscando chegar aos elementos constitutivos, que o fazem ser daquela forma e explicitar aqueles valores por ele assumidos.

O presente artigo se organiza da seguinte forma: na seção II, apresentam-se as bases teóricas que sustentaram esta pesquisa, respaldaram a busca dos dados (montagem do *corpus*) e sua compreensão, com destaque para aspectos que promovem a percepção subjetiva de valoração dos gêneros em tela; na seção III, a apresentação dos dados obtidos a partir do teste realizado, os fatores destacados pelos respondentes em relação aos gêneros notícia e horóscopo; na seção IV, as considerações finais, sem pretensão de exaurir o tema, mas evidenciando as contribuições deste trabalho.

2. Relações dialógicas nos gêneros notícia e horóscopo: produção de sentido e valoração

A máxima bakhtiniana de que “a língua penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam, e é também através dos enunciados concretos que a vida penetra na língua” (BAKHTIN, 2003, p.282) constituiu o pano de fundo das discussões que fundamentaram o estudo em pauta. A partir das particularidades dos gêneros em tela, buscou-se compreender melhor sua produção e recepção, evitando formalismos e abstrações que acabassem por toldar a visão sobre os mesmos, evitando perder a percepção dos liames entre língua e materialização de intencionalidades, de

enunciadores concretos e contextualizados, que se comunicam em situações e com intenções específicas.

Nesse sentido, vale lembrar, com Bakhtin; Volochinov, que

Toda palavra comporta *duas faces*. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede *de* alguém, como pelo fato de que se dirige *para* alguém. Ela constitui justamente *o produto da interação do locutor e do ouvinte*. Toda palavra serve de expressão a *um* em relação ao *outro*. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra se apoia sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor. (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2002, p. 113. Grifos dos autores.).

A atribuição de valores específicos a signos (e, veremos, a gêneros discursivos) não é algo dado, estabelecido, nem se mantêm intocados a despeito das mudanças de contextos; se, por um lado, a compreensão do processo de significação se prende à combinação de ao menos duas dimensões do signo linguístico (significante/significado), é amplamente assumido que a detecção do valor que assumem se dá apenas em contextos específicos. Conforme Hjelmslev (1975, p. 49, apud Silva, 2003), “o signo que se define por uma função é um signo que se opõe a um não signo”, ou seja, é um signo funcional, que designa e que é “portador de uma significação”.

Por outro lado, segundo Mari (2000), quando a nossa concepção extrapola as dimensões da significação, isso pressupõe verificar outros aspectos:

A rigor, esse princípio de correlação entre signos – o valor linguístico – também se evidencia como um fundamento para o sentido, já que a língua é “*um sistema em que todos os termos são solidários e o valor de um resulta tão somente da presença simultânea de outros...*” (Saussure, 1977: 133); ao fazê-lo, desencadeia um amplo aspecto de relações, dentre as quais a nossa tradição consagrou sinonímia, polissemia, homonímia, antonímia, entre outros. Em se tratando, portanto, de uma abordagem que vise a destacar alguns aspectos das correlações lexicais, o conceito de valor surge como algo necessário a uma compreensão melhor dos fatos de sentido. (MARI, 2000, p.63)

Lembre-mo-nos de que, enquanto significação é um processo que se define no interior do signo – perspectiva ‘intrassínica’ -, o valor só se depreende no âmbito das relações entre dois ou mais signos – é ‘intersínica’, com base nas potencialidades de semelhança ou dessemelhança que “se responsabilizam por criar, para as unidades de uma língua, identidades e diferenças no plano do sentido” (MARI, 2000, p.63).

Então, verifica-se que a análise se desdobra entre o que se dá de imediato a visualizar – no plano da expressão –, mas também nas reverberações do conteúdo pela

identificação dos valores trazidos àquela materialização. Essa perspectiva nos permite pensar sobre a construção textual como uma realidade imediata, que implica a cognição decorrente de vivências – com fatos, pessoas e palavras –, de processos metacognitivos (o pensar sobre o próprio ato de pensar). Vale lembrar que cada texto traz, impressas, as marcas propriamente ditas da construção textual, ao lado de outras, que remetem ao contexto em que foi gerado; e, embora este seja um produto individual, traz, subjacentemente, também as marcas do processo social de sua geração, que tem no outro a que se destina um dos parâmetros mais relevantes da constituição. E é a partir dessa relação dialógica, regulada pela alteridade (o outro se faz presente na gênese e na atualização do discurso), que se pode avaliar a maneira pela qual os enunciatários recebem tal discurso e a ele reagem, ou seja, a “atitude responsiva” que se dá entre os interlocutores.

A análise dos gêneros, na perspectiva da ADD, segundo Rodrigues (2001), pauta-se na consideração do seu conteúdo temático, do seu ‘estilo e das suas “projeções estilístico-composicionais”, ou seja, da sua arquitetura e da materialização de outros aspectos enunciativos e discursivos presentes. Nesta perspectiva, Rojo 2005 (apud Acosta, 2010) assinala que

a ordem metodológica de análise que vai da situação social ou de enunciação para o gênero/enunciado/texto e, só então, para suas formas linguísticas relevantes [...]. Ao chegarmos nesse último nível de análise, vale a interpretação linguística habitual, isto é, as teorias e análises linguísticas disponíveis, desde que seguida a ordem metodológica que privilegia as instâncias sociais [...]. Dito de outra maneira, aqueles que adotam a perspectiva dos *gêneros do discurso* partirão sempre de uma análise em detalhes dos aspectos sócio-históricos da situação de enunciativa, privilegiando, sobretudo a *vontade enunciativa* do locutor – isto é, sua finalidade, mas também e principalmente sua *apreciação valorativa* sobre seus *interlocutores* e *temas* discursivos -, e, a partir desta análise, buscarão marcas linguísticas (formas do texto/ enunciado/ língua – composição e estilo) que refletem no enunciado/texto, esses aspectos da situação. (ROJO, 2005, p.199, apud ACOSTA 2010.)

Reconhece-se, nesta abordagem teórica, que os enunciados, decorrentes das diversas (con)vivências, em situações e contextos específicos, trazem as marcas das esferas sociais em que se dão, pois são estas as responsáveis por “saturar” os enunciados de determinadas projeções – ideológicas, valorativas e de sentidos. São aspectos das condições de produção e as intencionalidades que norteiam as cenas enunciativas que se imbricarão na concretização do conteúdo via configuração dos enunciados, interferindo nas formas de recepção dos mesmos.

Se, por um lado, não há discursos puros (não contaminados), também não os há isolados; é inegável que eles se interconectam, e passam a funcionar como interdiscursos que se dão, potencialmente, a novas enunciações – de reiteração, de complementação, de contestação, de inquirição, etc. As diferentes esferas discursivas se inter-relacionam, bem como impõem certas demandas e restrições às produções discursivas. Nesse sentido, Bakhtin (*op.cit*) salienta que

Cada esfera conhece seus gêneros, apropriados à sua especificidade, aos quais correspondem determinados estilos. Uma dada função (científica, técnica, ideológica, oficial, cotidiana) e dadas condições, específicas para cada uma das esferas da comunicação verbal, geram um dado gênero, ou seja, um dado tipo de enunciado, relativamente estável do ponto de vista temático, composicional e estilístico. O estilo é indissociavelmente vinculado a unidades temáticas determinadas e, o que é particularmente importante, a unidades composicionais: tipo de estruturação e de conclusão de um todo, tipo de relação entre o locutor e os outros parceiros da comunicação verbal (relação com o ouvinte, ou com o leitor, com o interlocutor, com o discurso do outro, etc.). (BAKHTIN, 2003, p.284).

Assim, cada gênero discursivo, considerando-se suas dimensões básicas (tema, estilo e formato), é contingenciado pela esfera de comunicação que concretiza. Apesar da heterogeneidade (de gêneros e esferas discursivas) dentro de uma especificidade (a singularidade que aquele texto específico atualiza), pode-se proceder ao estudo comparativo de gêneros díspares – como o são a notícia e o horóscopo: se, por um lado, “a diversidade funcional parece tornar os traços comuns a todos os gêneros do discurso abstratos e inoperantes” (Bakhtin, 2003, p.282), por outro, embora tipos particulares, estes compartilham com os diversos tipos de enunciados a “natureza verbal” inerente às múltiplas esferas das atividades humanas, que se especializam e diferenciam face às demandas concretas das interações sociais cotidianas.

2.1 Os diversos gêneros no suporte jornal

Reconhecido o caráter histórico dos gêneros textuais e de sua conexão com a vida sociocultural dos seus enunciadores, pode-se constatar nessa materialização uma dupla tendência: de um lado, certa estabilização da forma (que nos permite reconhecer uma ocorrência como pertinente a tal categoria), e, simultaneamente, uma tendência à inovação, à criatividade (haja vista o processo corriqueiro de hibridização de gêneros discursivos).

Como são, simultaneamente, produto individual (concretizado por um enunciador) e coletivo (posto que perpassado por uma série de interdiscursos), os

gêneros concorrem para a estabilização das atividades comunicativas rotineiras: segundo Marcuschi (2002), “são entidades sociodiscursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa” (MARCUSCHI, 2002, p.43).

Para Koch (2009 apud Acosta-Pereira, 2010), cada falante de uma língua vai construindo, paulatinamente, uma “competência metagenérica”, que lhe permite (re)conhecer diversos gêneros textuais, com cuja caracterização e funcionamento lida. Na maioria das vezes, esta competência constitui um conhecimento tácito, uma capacidade que nos dá um norte em relação a aspectos cruciais no momento da enunciação - para “quem”, “o quê”, “como escrever/falar” e que nos permite ‘acionar’ o parâmetro certo ao escrever uma tese científica (linguagem formal, monitorada) e ao falar com amigos ou familiares (registro distenso, informal).

Podemos dizer que os gêneros textuais são incontáveis, assim como o são as práticas sociocomunicativas a que o indivíduo esteja exposto, ao passo que os tipos textuais são limitados em número, sendo dotados de aspectos sintáticos (opção por determinadas formas de estruturação), lexicais (seleções de itens a serem “enfrassados”) e semântico-pragmáticos (seleção da forma de organização dos mesmos).

No caso dos jornais, os diversos gêneros compõem-lhe as páginas segundo determinadas intencionalidades de seus redatores, para cumprir determinadas funções, como noticiar, interpretar, opinar, entreter, divulgar e persuadir. Desta forma, o quadro abaixo, fragmento do quadro original de Takazaki (2004, p. 116, *apud* Perles, 2008) permite entender melhor o panorama tipológico dos gêneros e os critérios que nos interessam neste estudo para apreender as diferenças constitutivas dos gêneros enfocados:

Quadro 1: Classificação dos principais gêneros textuais do jornal.

Gêneros do jornal	Aspecto tipológico	Capacidade de linguagem	Domínio social
1. Anúncio classificado	Prescrições e instruções	Regulação mútua de comportamentos por meio da orientação (normativa, prescritiva ou descritiva)	Regulação de ações
2. Anúncio publicitário	Argumentar	Sustentação, refutação, negociação de tomadas de posição	Discussões de problemas sociais controversos

3. Artigo de opinião	Argumentar	Sustentação, refutação, negociação de tomadas de posição	Discussões de problemas sociais controversos
4. Carta do leitor	Argumentar	Sustentação, refutação, negociação de tomadas de posição	Discussões de problemas sociais controversos.
5. Crônica	Relatar	Representação pelo discurso de experiências vividas, situadas no tempo	Documentação e memorização das ações humanas
6. Editorial	Argumentar	Sustentação, refutação, negociação de tomadas de posição	Discussões de problemas sociais controversos

Adaptado dos agrupamentos de Takazaki, apud Perles, 2008. Excerto parcial.

Foram destacados alguns dos gêneros textuais presentes num jornal, cuja distinção é indispensável para “a compreensão das ferramentas utilizadas por um determinado veículo na busca da manipulação, uma vez que as manifestações verbais se dão como textos que marcam ações situadas e históricas” (Perles, *op.cit*, p.5). Como afirma o próprio autor, a tabela classificatória acima constitui apenas uma das tipologias possíveis para a classificação dos gêneros de modo geral, sendo passível, certamente, de divergências.

Se fôssemos classificar os gêneros notícia e horóscopo nos mesmos parâmetros acima, poderíamos chegar a um quadro como:

Quadro 2 – Características dos gêneros notícia e horóscopo

Gêneros do jornal	Aspecto tipológico	Capacidade de linguagem	Domínio social
Notícia	Noticiar / relatar/ expor	Representação pelo discurso de experiências vividas, situadas no tempo	Documentação e memorização das ações humanas; levar ao leitor um conhecimento a respeito de um determinado tema
Horóscopo	Oferecer prescrições e instruções	Regulação mútua de comportamentos por meio da orientação (normativa, prescritiva ou descritiva)	Regulação de Ações; Levar o leitor a uma determinada ação, de âmbito pessoal.

Fonte: Elaboração da autora.

O horóscopo, inserido acima no aspecto tipológico da prescrição e instrução, para Takazaki (*ibidem*), enquadra-se na “Trama” descritiva:

A descrição é a caracterização de uma cena, um estado, um momento vivido ou imaginado. Vale considerar que uma descrição é preenchida com as características e propriedades do que se está descrevendo. O descritor escolhe as palavras de acordo com o efeito visado. Há, portanto, uma orientação persuasiva, que vai determinar a escolha de adjetivos mais neutros ou avaliativos para indicar e sugerir efeitos que guardam estreita relação com a opinião e julgamento de quem escreve. (TAKAZAKI, 2004, p.38 apud PERLES, 2008, p.6)

Assim, ao lado da ‘notícia’, com os mesmos aspectos tipológicos, são citadas as notas informativas, as notas de falecimento. Ao lado do gênero ‘horóscopo’, vêm as palavras cruzadas e as receitas culinárias. Como se vê, essa “diagramação” ou organização inicial dos gêneros textuais já traz, em sua gênese, um aspecto de valorização que poderia ser indicado pela oposição *informar* x *entreter* – o que, na sociedade em que vivemos, já aponta para um desvalor dos gêneros da segunda categoria.

2.2 Os projetos (sócio)discursivos dos gêneros e os resultados dos testes realizados

A construção de cada gênero é fundada nas diferentes relações dialógicas que a regulam e produzem sua significação no jornal. Isso significa dizer que os textos e enunciados são moldados por textos anteriores, com que “dialogam” com diferentes intenções (complementação, confrontação, comparação, etc.), e, ao mesmo tempo, em movimento espiralar, antecipam novos discursos que a estes se sucederão: neste sentido, a intertextualidade é constitutiva da textualização.

Analisar os gêneros sob a ótica da intertextualidade nos permite capturar – com base na noção de gênero como enquadre, isto é, de estruturas mentais de conhecimento que tipificam uma determinada situação enunciativa – os vários fatores que influenciam na construção textual e concorrem para sua função persuasiva – explícita ou implícita.

Para Silva (2007), o reconhecimento desta dimensão dialógica como a função precípua do texto

foi introduzida por Bakhtin juntamente com a noção de heteroglossia: que tudo que diferencia as vozes sociais (classes, gêneros, movimentos, épocas, pontos de vista) de uma comunidade forma um sistema intertextual no qual cada um deles é necessariamente ouvido. Bakhtin mostrou que as relações

que os textos constroem juntamente com essas vozes são tanto ideacionais (representativamente semânticas) quanto axiológicas (orientadas aos valores). (SILVA, 2007, p. 10).

Para compreender, portanto, as vozes (interdiscursos) que se materializam nos gêneros em foco, buscou-se investigar a dimensão sociofuncional dos dois gêneros selecionados: identificar aspectos como sua esfera de circulação, condições de produção, circulação e recepção, a interação proposta/concretizada, a dimensão autoral, os interlocutores previstos, etc. – a partir de uma análise empírica quanti-qualitativa, baseada nas respostas de 113 universitários da PUC Minas, no 1º semestre de 2013.

2.2.1 Projeto sociodiscursivo do gênero “notícia”

Um exemplar do gênero “notícia” é reconhecido como pertencente a este por apresentar certas regularidades, ou, nos dizeres de Rojo, “certa estabilização linguístico-enunciativa” que não se deve a uma fixidez da língua, mas “às regularidades e similaridades das relações sociais numa esfera de comunicação específica”(ROJO, 2005, p.199). Dita de outra forma, há toda uma expectativa dos enunciatários em relação a certas formas específicas de o enunciador organizar, emoldurar, materializar seus discursos.

A notícia permite a constatação de uma série de inter cruzamentos temáticos, e isso é constitutivo da dialogicidade inerente a tal gênero; Acosta-Pereira (2008) afirma que “os cruzamentos de temas são, em adição, estratégias de construção das informações, legitimando-as, regularizando-as e valorando-as na materialidade do gênero.” (ACOSTA-PEREIRA, 2008, p.206). Diz, ainda, que “no plano da notícia, o horizonte temático caracteriza-se pela contemporaneidade, efemeridade e proximidade tempo-espacial dos fatos e dos acontecimentos a serem noticiados.” (*op.cit.*, p.206). Este seria o crivo para se definir o que pode/deve ou não ser noticiado. Para respaldar sua afirmação, recorre a Charaudeau, (2006), abaixo replicado:

O discurso das mídias se fundamenta no presente da atualidade, e é a partir desse ponto de referência absoluto que elas olham timidamente para ontem e para amanhã, sem poder dizer muita coisa a respeito. Não raro fazem o que o meio profissional chama de *perspectivação*, que não pode trazer, no entanto,

explicações históricas. (CHARAUDEAU, 2006, p. 134, *apud* ACOSTA-PEREIRA, 2008).

Crucialmente, então, a notícia reveste-se de um caráter de verdade, de credibilidade, que se encontraria respaldado nos seguintes aspectos: os entrecruzamentos temáticos exercem o papel de legalizadores da notícia, isto é, apresentam-se ora como (a) discursos regularizadores das informações, à medida que consubstanciam o tema tratado (apresentando outras informações ou dados coerentes ao assunto em questão), ora como (b) discursos autoritativos (apresentando outras informações, dados ou relatos que servem como argumentos de autoridade na sustentação das notícias apresentadas, autorizando-as a serem legítimas). Para Charaudeau (2006),

No discurso da informação, entretanto, não se trata de verdade em si, mas da verdade ligada à maneira de reportar os fatos: *não é bem das condições de emergência da verdade que se trata, mas sim das condições de veracidade*. À instância midiática cabe autenticar os fatos, descrevê-los de maneira verossímil, sugerir as causas e justificar as explicações dadas. Autenticar é uma atividade que consiste em fazer crer na coincidência sem filtragem nem falsas aparências, entre o que é dito e os fatos descritos. (CHARAUDEAU, 2006, p.88-89. Grifo nosso.)

Acosta-Pereira (2008), desenvolvendo seu trabalho em termos de uma “análise da dimensão verbo-visual” da notícia, isto é, dos recursos constitutivos como um todo, observou que a atribuição de elevado valor de verdade conferido ao que se reporta depende da configuração desse gênero, ou seja, do enquadramento que se opera das diversas vozes ali presentes:

a notícia engendra-se em diferentes *relações dialógicas*, que a regulam e a significam no jornal, além de enquadrar o enunciado do outro, revalorando-o e construindo *efeitos de sentido* por meio de diferentes recursos estilísticos, tais como: marcadores de pressuposição, identificadores atitudinais, marcadores avaliativos, índices de domínio, indicadores modais, marcas de discurso direto, indireto e bivocal, dentre outros (ACOSTA-PEREIRA, 2008, p. 209).

Esses efeitos orientam os sentidos entre o gênero e seus *interlocutores*, não apenas direcionando os leitores a determinadas significações, como antecipando sua *atitude responsiva* frente aos acontecimentos relatados na notícia. Ainda segundo Acosta-Pereira, na notícia são materializados recursos enunciativo-discursivos que conduzem o leitor a determinados sentidos e projeções axiológicas, isto é, determinados encaminhamentos. Nos dizeres do autor,

Esses sentidos/visadas podem ser de localização do espaço, do tempo e/ou dos participantes da notícia em questão (determinadas escolhas lexicais e gramaticais que objetivam orientar o leitor para o tempo, espaço e participantes dos fatos noticiados, elementos como adjuntos adverbiais de tempo e de espaço, por exemplo), de retomada do assunto tratado (por exemplo, marcadores remissivos, pronomes demonstrativos marcados axiologicamente), de ativação do conhecimento prévio ou compartilhado do público-leitor (determinadas explicações relacionados a informações específicas), de direcionamento a esse público (por exemplo, pronominalização ou substantivações que se remetem ao leitor), assim como de validação e avaliação (enquadramento do discurso de outrem como avaliação ou validação dos fatos, como já mencionado neste trabalho) dos relatos apresentados. (ACOSTA-PEREIRA, 2008, p.158)

Os aspectos pontuados tanto por Charaudeau como por Acosta-Pereira, acima, se evidenciaram nas respostas dadas pelos alunos, quando indagados sobre o motivo de terem afirmado que aquela notícia era verdadeira (ou falsa, como veremos na seção III).

2.1.2 Projeto sociodiscursivo do gênero horóscopo:

Como os gêneros são adaptações de formato operadas pelo falante, tendo em vista um enunciatário potencial e o contexto enunciativo, também o horóscopo concretiza uma fórmula textual que compartilha de certos traços formais, identificados por todos quantos se deparam com ele, que facilitam seu reconhecimento e avaliação sob um parâmetro (des)valorativo, conforme o enunciatário.

Horóscopo (do grego ὁροσκόπιον) é, segundo o Grande Dicionário Larousse Cultural da língua portuguesa, “o prognóstico sobre a vida de uma pessoa, que os astrólogos pretendem tirar da situação, ou posição no céu, de certos astros no mês e na hora do nascimento dessa pessoa”. Independentemente de acreditar-se ou não nessa possível relação, o horóscopo faz-se presente em nossa cultura e pode exercer grande influência na vida daqueles que nele se inspiram para tomar decisões cotidianas.

Por se inscrever numa tradição que crê na relação entre os corpos celestes e a data de nascimento das pessoas, por meio do signo de cada um, associam-se os significados astrológicos ao contexto da situação apresentada em consulta: de imediato, da origem deste gênero, surge o problema de definir, com base em uma única data, características e propensões que se apliquem a todos os indivíduos pertencentes a um mesmo signo – desta forma, as previsões já nascem sob um olhar de descrença potencial do efeito de valor daquilo que se vai ler /ouvir.

As características desse gênero textual seriam, basicamente, a presença de previsões (que, a rigor, poderiam ser boas ou más, mas normalmente se vê uma linguagem eufemística ou ‘floreada’, que não apresenta o que seria negativo), a presença de verbos no imperativo (expressando conselho, mas com um tom injuntivo bastante perceptível), uso constante de adjetivos, imprimindo grande dimensão ao que se espera acontecer (“excelentes resultados”, “grande magnetismo pessoal”, etc..) recurso frequente a modalizadores (‘podem ser’, ‘podem acontecer’, etc.), que servem como balizadores das ações do leitor/receptor, o qual deverá fazer x para obter y.

Tais recursos léxico-gramaticais podem ser reunidos em termos da semântica discursiva ou retórica, fornecendo meios para o falante posicionar-se em relação a pontos de vista ou posições sociais referenciados pelo texto e, por conseguinte, alinhar-se ou não em relação a outros sujeitos sociais.

Para Silva (2007), que pesquisou um corpus bem extensivo de horóscopos em jornais americanos, o que impulsiona a ler tal gênero seria algo inerente ao ser humano, que o motiva a buscar respostas para seus anseios e ansiedades, suas perplexidades diante do cotidiano, em religiões e crenças, numa fé que é essencial à superação das agruras do existir. Desta forma, segundo ela, “pode-se dizer que a busca por algo em que acreditar faz parte da essência humana”; citando Libâneo (2005), para quem “a fé é uma experiência humana fundamental que se faz entre as pessoas e que se prolonga para coisas, mistérios e religiões”, reitera que “a fé no divino parece responder ao desejo de mistério inerente ao ser humano” (SILVA, 2007, p.25).

Ainda segundo esta autora, muitos se referem à astrologia como se fosse uma mitologia passível de uso consciente, que pode servir como um recurso para reunir o homem ao seu interior, à natureza e ao processo evolutivo do universo. Nesta perspectiva, o horóscopo seria um gênero formulaico, em que certas “combinações arquetípicas” se tornariam um instrumento psicológico de grande efeito sobre os crédulos. Seria como uma forma de traduzir e permitir compreender as forças e as configurações fundamentais presentes tanto na vida individual quanto na cultural.

Sobre os arquétipos, Jung (*apud* Silva 2007) os define como “a existência de determinadas formas na psique, que estão presentes em todo tempo e em todo lugar”, e aponta que o inconsciente coletivo é o conteúdo constituído de arquétipos. Salienta que em nenhuma época a astrologia foi tão difundida quanto atualmente, pois a fé não exclui a razão na qual reside a maior força do ser humano. O ser humano precisa de algo em que confiar, em que balizar suas ações. Se, na contemporaneidade, a força da evolução

humana é concebida como resultado de avanços tecnológicos, a fé – em alguma divindade ou em si mesmo, em grande medida, é deslocada para a crença no poder da ciência.

Silva (2007) questiona como o receptor experimentaria a enunciação de outrem na sua consciência, que se exprimiria por meio do discurso interior, mas tomando-a como algo personalizado (ou personalizável); diante desse cenário, temos um embate interno no leitor:

a) Por uma demanda “espiritual”, busca respostas no horóscopo; e, ao lê-lo, o leitor interage com o texto e lhe dá o significado mais coerente de acordo com seu conhecimento de mundo e o seu momento vivido – tudo é feito de modo a “personalizar” o que é suficientemente amplo para caber em qualquer necessidade.

Assim, condicionados pela força da linguagem (altamente persuasiva, marcada por certas escolhas léxico-gramaticais) e pela amplidão e inespecificidade dos prognósticos, os leitores não podem questionar as previsões do astrólogo; este se safa de qualquer responsabilidade pelas modalizações utilizadas, “livra sua face” de qualquer comprometimento sobre o dito, por meio de uma forma (genérica) de dizer.

b) paradoxalmente, o lado “racional”, que vislumbra a ciência como única fonte de explicação do mundo que valha a pena, “desaconselha” o leitor a acreditar naquilo que lê, gerando toda uma perspectiva de descrença e desvalor a esse gênero.

Se, no texto científico, torna-se desnecessária a presença de modalizadores e outras estratégias de persuasão – o conteúdo vale por si, a função é referencial, o que é dito tem credenciais para se sustentar -, no gênero horóscopo (assim como outros em que predomina a função conativa, o objetivo de levar a fazer algo ou a crer em algo), o enunciador deve lançar mão de formas específicas de persuasão, em especial a implícita; esta permeia o texto e nem sempre é realizada por adjetivos e advérbios claramente persuasivos, mas graças também a determinadas escolhas léxico-gramaticais, não consideradas interpessoais na tradição, mas que, combinadas a contextos específicos, tornam-no altamente persuasivo.

Em geral, há uma ‘verdade’ que o leitor conhece e traz para o texto do horóscopo, fato que aumenta as probabilidades de ele aceitar o prognóstico contido na mensagem. Ocorre, também, o recurso a interdiscursos reconhecíveis; uso de metáforas; uso de verdades incontestáveis; crenças populares, mitologias, religiosidade; provérbios e ditados, entre outras estratégias.

Ressalte-se que os horóscopos diários, veiculados pelos meios de comunicação de massa, não são completos, trazem apenas aspectos que podem ser generalizados para um grande número de pessoas que têm em comum o mesmo signo do zodíaco. Mas, mesmo que não sejam específicos para cada indivíduo, eles parecem cumprir, ainda que superficialmente, a função que deles se espera, visto que têm seus leitores.

3 Apresentação e análise dos dados dos testes realizados

Acima, respaldando-nos em um conjunto de vozes, na perspectiva teórica da ADD, discutimos os conceitos de enunciado (compreendidos como unidades reais, materializações de comunicação que, ao se estabilizarem, isto é, passarem a constituir formas estáveis, identificáveis, de atuações em esferas de atuação específicas, tornam-se gêneros do discurso) e de gênero.

Reiterando, com Brait que “um dos maiores ensinamentos de Bakhtin é a atitude diante da linguagem, que consiste não na aplicação de conceitos preestabelecidos, mas *numa atitude dialógica que permite extrair conceitos do corpus analisado.*” (BRAIT, 2006, p. 20-21), para verificarmos a recepção dos gêneros ‘notícia’ e ‘horóscopo’ por um grupo de estudantes, lançamos mão de dois textos que condensam as características usualmente aceitas como atinentes a estes gêneros discursivos.

A seguir, trataremos de cada um deles, sua constituição e a forma como os avaliaram os 113 estudantes de graduação que se dispuseram a fazer o teste.

Texto 1

CONTA PÚBLICAS

Congresso Nacional gastará o orçamento de uma Belo Horizonte em 2013 ²

26/02/2013 14h01 Avalie esta notícia »

DA REDAÇÃO

Um levantamento divulgado pelo site Contas Abertas, mostra que em 2013, o Congresso e o Senado Federal, gastarão juntos cerca de R\$ 8,5 bilhões. O valor é quase igual ao orçamento da cidade de Belo Horizonte. A capital de Minas Gerais gastou R\$ 8,8 bilhões em 2012. Os gastos são com os salários dos 15.647 servidores efetivos e comissionados da Câmara e dos 6.345 do Senado. Além de aposentadorias, pensões, indenizações, compra de materiais de consumo, serviços de terceiros, entre outros itens.

Em 2012 o Congresso Nacional gastou R\$, 7,6 bi, valor 10% inferior ao previsto para o atual exercício, somente com pagamentos da folha foram R\$ 3 bi. Adicionais noturnos levaram R\$ 4,4 milhões. Em horas adicionais foram gastos pelas duas casas R\$ 52 milhões. O gasto só não foi maior pois o Senado havia implantado o banco de horas. O maior gasto em 2012 foram com as aposentadorias. Foram R\$ 1,7 bilhão foi gasto com os 2.839 servidores aposentados do Senado e com os 2.563 da Câmara. Logo após estão os custos das pensões, que somaram R\$ 529 milhões. Desembolsos com sentenças judiciais custaram R\$ 205 milhões aos cofres das duas casas.

No ano passado a Câmara e Senado gastaram R\$ 8,3 milhões com os pagamentos de auxílio-moradia aos parlamentares que não conseguiram moradia nos apartamentos funcionais.

O Senado gastou em 2012, valores menores que os dois últimos anos. No ano passados a Casa custou R\$ 3,3 bilhões aos cofres públicos. O valor também é menor que a média dos últimos sete anos – R\$ 3,4 bilhões. Já na Câmara dos Deputados os gastos foram os maiores desde 2003. A Casa pagou R\$ 4,2 bilhões em 2012, montante superior em R\$ 400 milhões a média dos últimos dez anos – R\$ 3,8 bilhões.

Texto 2³

Aquário 21/01 a 19/02

É momento de mais ação e de buscar novas metas e determinar a sua semana. Alguns desentendimentos fazem parte de sua jornada. Você sabe que o sucesso necessita de mais paciência e constância.

Peixes 20/02 a 20/03

Boas influências na sua vida pessoal. Deve buscar situar a sua vida profissional e financeira de forma mais planejada. Cuide mais de seu corpo e principalmente de sua mente em relação aos projetos de sua vida.

Áries 21/03 a 20/04

Saiba planejar os seus atos profissionais e tenha uma maior dose de paciência com as dificuldades que se apresentam. Esteja aberto para experiências novas e diferenciadas em sua vida pessoal. Um bom momento para a saúde.

Touro 21/04 a 20/05

Este dia começa com muita ação e animação em seus projetos de vida. Estabeleça ações mais construtivas e diferenciadas em prol de uma vida mais integrada. A agitação interna está dentro de seu dia e por isso respire.

Gêmeos 21/05 a 20/06

Saiba melhorar o seu contato com as pessoas e procure uma postura mais conciliadora em sua família. O seu signo deve trabalhar por projetos maiores. Um dia tranquilo sem sobressaltos no período.

² Disponível em <http://www.otempo.com.br/capa/economia/congresso-nacional-gastar%C3%A1-o-or%C3%A7amento-de-uma-belo-horizonte-em-2013-1.386555>. Acesso em 27/02/2013.

³ Disponível em http://www.zastros.com.br/Astrologia_outras.aspx. Acesso em 27/02/2013.

Câncer 21/06 a 22/07

Uma semana para que alguns projetos sejam mais bem visualizados. Não esteja em ambientes agressivos e esteja se preservando mais. Momento de buscar relações de qualidade em sua família.

Leão 23/07 a 22/08

Procure esvaziar mais a sua mente e buscar um sentido superior par as suas ações no trabalho. A sua percepção espiritual necessita se expressar. Um período especial para uma boa reflexão de seus projetos de vida.

Virgem 23/08 a 22/09

Um dia mais ativo em seu trabalho e deve estar preparado para ações mais direcionadas. Esteja aberto ao novo e para conhecer outras pessoas e abrir a sua percepção de mundo. Procure se harmonizar com as pessoas ao seu redor.

Libra 23/09 a 22/10

Esteja buscando mais compreensão interna e assim estará mais centrado e feliz em sua vida. No trabalho período em que deve buscar maior expansão. Uma fase para fazer projetos a médio e longo prazo.

Escorpião 23/10 a 21/11

Saiba falar com mais serenidade sobre as suas angústias. A sua prioridade deve ser o bom ritmo de seu coração. Não seja intempestivo e acalme o seu lado pessoal. Não perca a sua alegria.

Sagitário 22/11 a 21/12

Deixe a sua energia mais aberta para que as pessoas entrem mais em seu coração. É período de mais amor e harmonia em sua vida. Deve colocar algumas prioridades em seu dia para estar bem.

Capricórnio 22/12 a 20/01

Está com uma boa capacidade para buscar os seus projetos. Saiba trabalhar bem com as suas ambições profissionais. Evite fazer críticas destrutivas que não vão lhe ajudar em nada. Traga leveza para o seu dia.

O teste indagava a cada estudante se o texto lido tinha aspectos que evidenciavam ser verdadeiro ou ficcional. Os resultados encontrados foram os seguintes:

Tabela 1 – Resultados considerando gêneros / cursos

Curso / Período	Número de respondentes	Gênero Notícia		Gênero Horóscopo	
		Verdadeira	Ficcional	Verdadeiro	Ficcional
Administração (1º período)	42	36 (85,7 %)	06 (14,3 %)	01 (2,4%)	41 (97,6%)
Ciências Contábeis (3º período)	50	41 (82,0 %)	09 (18,0 %)	04 (8,0%)	46 (92,0 %)
Letras (6º período)	21	15 (71,4 %)	06 (28,6%)	04 (19,0 %)	17 (81,0%)
Total	113	92 (81,4 %)	21 (18,6%)	09 (8,0 %)	104 (92,0%)

Fonte: Elaboração da autora.

Em seguida, solicitou-se que destacassem pelo menos dois aspectos presentes em cada texto que comprovassem a resposta dada (além de explicitarem tais aspectos,

muitos alunos sublinharam no próprio texto as marcas que julgavam influentes em suas opiniões).

A maioria considerou a notícia como um gênero eminentemente verdadeiro: do total, a porcentagem oscilou entre 71,4% a 85,7%. Curiosamente, os que consideraram o texto como desprovido de valor de verdade, estavam justamente os estudantes de Letras. O que aparentemente seria um paradoxo, explica-se pelo fato de estes terem apontados os inúmeros problemas formais do texto (ausência de concordância nominal em vários fragmentos – “conta públicas”, “no ano passados”, etc. –, de pontuação, entre outros aspectos linguístico-discursivos – como a incoerência entre certos dados numéricos) como responsáveis pela fragilização do valor de verdade do mesmo.

3.1 Análise dos resultados

Os diversos aspectos arrolados pelos graduandos foram sintetizados em cinco categorias, como se vê abaixo:

a) Turma 1 (Administração, 1º período)

Da primeira turma, em que havia 42 respondentes, 36 (85,7%) afirmaram que a notícia era “verdadeira” e apenas 6 (14,3%) disseram ser ficcional. Dentre os que responderam que era ficcional, os motivos alegados foram a incoerência observada nos valores apontados (4 alunos); um alegou que não havia “bibliografia” (possivelmente, referia-se a uma fonte credenciada), portanto “não havia como saber se as informações eram seguras”; outro indicou haver “contradição entre o título e o 1 parágrafo” (2,4%). Neste caso, possivelmente porque o título da notícia não retratava fielmente o seu conteúdo – o que sói acontecer. Um aluno ainda ponderou que “é preciso verificar se a fonte é confiável” (2,4%).

Dentre os que julgaram ser verdadeira a notícia, basicamente foram apontados dois fatores responsáveis por esse julgamento: um amálgama de cientificismo e credencialismo (61 respostas), o que se deixava evidenciar pela “linguagem formal” e com alto grau de detalhamento (4 respostas), bem como o fato de ter sido “feito pela redação de um jornal” (1 respondente), como se esta procedência fosse suficiente para respaldar o caráter de veracidade do gênero, dotando-o de imparcialidade e valor de verdade intrínseco...

Para esses alunos que viram no gênero notícia um valor verdade, os aspectos apontados remetem, entre outros, ao fato de a mesma basear-se em “levantamento feito” (13), divulgação de dados bastante precisos (21), indicação de fontes para confirmação, o site da pesquisa (13), bem como do tempo 6) em que ocorreram os fatos, e, por fim, por ter caráter informativo (3). Isso vai ao encontro do que afirmaram Charaudeau e Acosta-Pereira, sobre o fato de haver um “discurso autoritativo” que se acopla à notícia.

Como se pode perceber, a predisposição inicial do leitor, isto é, o “contrato de leitura” estabelecido tacitamente é de que em notícias não há manipulação, não há possibilidade de afastamento da verdade, o que levou uma aluna a explicitar que “é notícia”, isto é, especificado este gênero, não há equívocos em sua análise.

Quanto ao gênero horóscopo, inverteram-se as percepções. Apenas um aluno afirmou ser verdadeiro (2,4%) e 41 disseram ser ficcional (97,6%).

b) Turma 2 (Ciências Contábeis, 3º período):

Dos 50 respondentes, 41 (82%) afirmaram ser verdadeira a notícia e 9 (18%) disseram ser ficcional. O motivo mais apontado para essa opinião residiu no fato de a notícia indicar as fontes / referências, o que permite confirmação (35 respostas), além de ser baseada em levantamento feito. Alegam ainda que ela tem “coerência e veracidade” (1), tem caráter informativo (2), é notícia (por si só, já se credencia – 1), traz data e horário de publicação (1). Os que imputaram ao gênero notícia caráter de ficcionalidade, basicamente alegaram não saber se a fonte é confiável (1), há incoerência nos valores apontados (2), a linguagem é incorreta (1).

Quanto ao gênero horóscopo, 4 graduandos afirmaram ser verdadeiro, alegando não haver “nada que o desabone” (1), a descrição de cada signo é coerente (1), identificou-se com o que leu (1). Dentre os 46 que afirmaram ser este um gênero ficcional, as opiniões abrangeram um leque variado, que oscilou desde a ausência de estudos por especialistas (2), não ser baseado em fatos e dados (9), não haver comprovação científica nem dar credenciais ou fontes (13), usar superstições e não apresentar informações seguras ou concretas (7), trazer apenas aconselhamentos, opiniões ou sugestões (6).

Um aspecto interessante se referiu à linguagem: afirmam que tal gênero não utiliza uma linguagem muito real (é incerta, vaga e se aplica às pessoas de forma generalizada: 5), além de falar de coisas óbvias, gerais (uma “área aberta”, na opinião de 5 alunos), o que se configura pelo uso do futuro, que gera sensação de incerteza (2).

Um aluno afirmou que é “autoajuda”, outro afirmou que não é válido porque “só fala de pontos positivos”.

c) Turma 3 (Letras, 6º período);

Nesta turma, 15 respondentes afirmaram que a notícia era verdadeira, por ser baseada em levantamentos/pesquisas feitas (2) e divulgar dados referentes a isso (6). A evidência reside na existência das fontes de consulta (site), com dados precisos, o que impactou a opinião de 18 alunos. Três alunos afirmaram que é verdadeira por indicar o tempo (data e horário) em que acontecem os fatos e, curiosamente, uma aluna declarou que “isso vem do conhecimento de mundo”, por se tratar de notícias sobre política (já há uma propensão a crer naquilo que vai ser dito por razões pragmáticas).

Dentre os 6 que a consideraram ficcional, 4 se basearam no fato de haver incoerência entre os valores apontados – para estudantes de Letras, os aspectos de textualidade são cruciais (coesão e coerência), 1 apontou a falta de fonte oficial, e 1 destacou que há muitos “erros de português” no texto.

Quanto ao gênero horóscopo, 4 disseram ser verdadeiro, mas apenas um aluno justificou sua resposta. Disse que decorre de “estudos dos astrólogos”. Dos 17 que o consideraram ficcional, 10 alegam a falta de estudos por especialistas, de serem baseados em fatos e dados concretos, afirmam que lhe falta comprovação científica. Para 10 alunos, o problema reside em o gênero conter apenas hipóteses, aconselhamentos, previsões, que mexem com “a fé” ou características pessoais dos leitores; 9 apontam o fato de que são comentários gerais, genéricos, pertinentes a qualquer signo; 4 destacam o fato de todos os signos, no final das contas, apresentarem o mesmo sentido. Um aluno destaca que “só trazem previsões otimistas”.

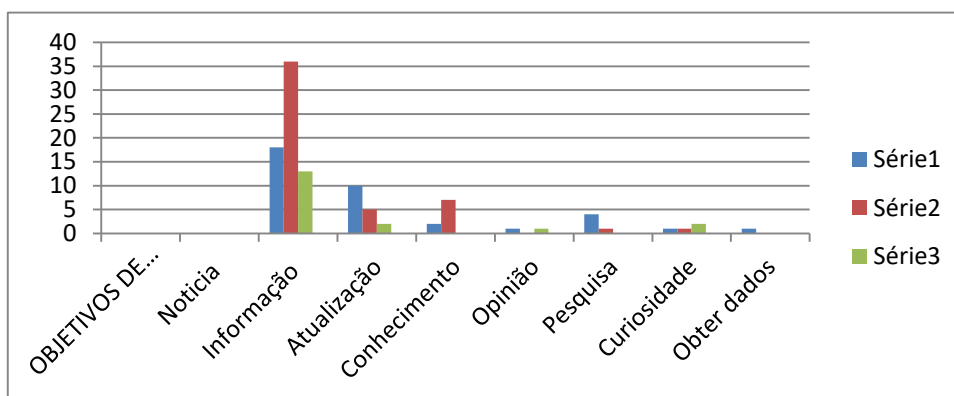
Os motivos ou critérios elencados pelos graduandos foram explicitados de forma variada, mas, para efeito de análise, foram compilados em quatro categorias:

- Ausência de “credenciamento”, entendido como ausência de informações ou de fontes concretas, o que revela o desejo de cientificismo (e se contrapõe à exposição de mitos, “lendas e culturas”, como diz um aluno);
- Aspectos linguísticos: linguagem não muito real; genérica; inespecífica; todas as afirmações são portadoras de um mesmo sentido. Além disso, o fato de haver um registro mais informal (popular) descredencia o que está sendo dito.

- Subjetivismo: lida com características individuais, com a fé / traz aconselhamentos;
- Trata de emoções e de hipóteses, sem respaldo em fatos científicos, estudados e comprovados; trata-se de previsões ou fatos que “podem não acontecer” ou, simplesmente, de “coincidências com o que se está vivendo naquele momento”; previsões (que podem ou não acontecer); mistificação do que é transmitido.

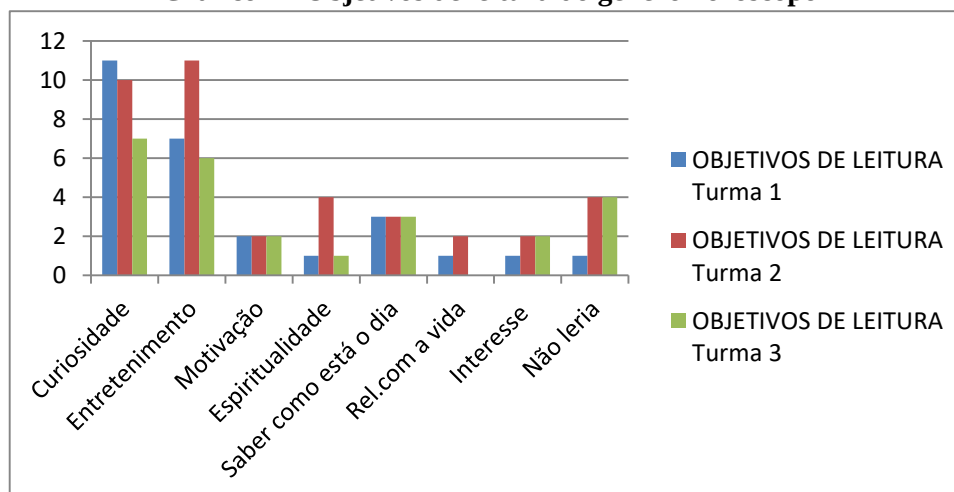
Quanto à segunda parte do teste, cuja pergunta foi “em que circunstâncias e com que finalidade leriam o texto 1? E o texto 2?”, as respostas foram compiladas no gráfico a seguir:

Gráfico 1 - Objetivos de leitura do gênero notícia



Fonte: Elaboração da autora.

Gráfico 2 - Objetivos de leitura do gênero horóscopo



Fonte: Elaboração da autora.

Como se vê, os alunos afirmam ler o primeiro gênero basicamente em busca de informações, de atualização, ao passo que ao segundo é reservado o espaço da curiosidade, do entretenimento. Isso corrobora o que afirmam autores como Charaudeau e Acosta-Pereira, como vimos.

4 Considerações finais

A compreensão da distinção entre os gêneros textuais mostra-se indispensável para a detecção das ferramentas utilizadas por um determinado veículo na busca da manipulação, uma vez que as manifestações verbais se dão como textos que marcam ações situadas e históricas.

Como se pode perceber, há uma predisposição inicial do leitor, isto é, o “contrato de leitura” estabelecido tacitamente é de que em notícias não há manipulação, não há possibilidade de afastamento da verdade, o que levou uma aluna a explicitar que “é notícia”, isto é, especificado este gênero, não é passível de equivocar-se em relação ao seu valor de verdade.

Os gêneros frequentam as páginas do jornal para cumprir funções, como noticiar, interpretar, opinar, entreter, divulgar e persuadir. A existência das categorias dos gêneros do jornal decorre do fato de que as mesmas cumprem uma função ao mesmo tempo em que atendem a uma intenção do falante/enunciador. Dito de outra forma, os jornais aparecem como suportes de diversos gêneros, que atualizam diversos temas, buscando significar e legitimar as informações que os constituem, sejam elas acerca de fatos e acontecimentos sociais, políticos, econômicos, sejam as referentes a outros gêneros neles insertos. No entanto, se o suporte apresenta essa visão a priori de legitimidade, isso não se dissemina de forma equitativa a todos os gêneros, das diversas editorias, que os constituem. Os leitores partem para a recepção de diferentes editorias com diversos objetivos de leitura – informar-se, entreter-se, identificar opiniões, etc.

O discurso, como objeto sócio histórico e produto ideológico importante nessa relação, depende dos sujeitos para existir, necessita de uma entidade que o produza, sendo tais sujeitos movidos pela ideologia: “não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido” (PÊCHEUX, 1975 apud ORLANDI, 2001, p. 17). Numa sociedade complexa e estratificada como a nossa, passa a haver, então, uma gradação de objetivos mais ou menos nobres – informar-se/atualizar-se adquirem um valor maior do que entreter-se; vão se espalhando valores dos objetivos primeiros de leitura que acabam atingindo, na

sequencia, os gêneros discursivos. Trazer tais valorações – positivas ou negativas – a um plano de maior consciência pode revelar um pouco das condições em que os discursos são produzidos, circulam e são consumidos em nossa sociedade. Isso é de grande relevância para um ensino mais crítico de língua materna.

Referências

ACOSTA PEREIRA, R.; RODRIGUES, Rosangela Hammes. Os gêneros do discurso sob perspectiva da Análise Dialógica de Discurso do Círculo de Bakhtin. **Letras**, Santa Maria, v. 20, n. 40, p. 147–162, jan./jun. 2010.

ACOSTA PEREIRA, R. O gênero jornalístico notícia impressa: dialogismo, avaliatividade e estilo. 2008. Disponível em <http://www.dacex.ct.utfpr.edu.br/14%20O%20g%C3%AAnero%20jornal%C3%ADstico%20not%C3%ADcia%20impressa.pdf>. Acesso em 20 fevereiro 2013.

ACOSTA PEREIRA, R. Gêneros do discurso - Experiências psicossociais tipificadas. **Revista Letra Magna**. Ano 4, n. 8, 1. sem. 2008.

BAKHTIN, M. (1997) **Estética da criação verbal**. 2 ed., São Paulo: Martins Fontes.

BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. e org.: Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Annablume; Hucitec, 2002.

BRAIT, B. **Análise e Teoria do Discurso**. In: BRAIT, B. Bakhtin – Outros Conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros Textuais: Definição e Funcionalidade: In DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Ana Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). **Gêneros Textuais & Ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. São Paulo: Contexto, 2009.

MARI, Hugo. Dimensões do processo de significação: relações lexicais. In: FREITAS, José Eustáquio; MOL, Maria Lúcia de Almeida (Org.). **Português: língua pátria, fator de identidade e resistência**. BH: Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais, 2000, v. 8, p. 63-83.

ORLANDI, Eni. **Discurso e Texto: formação e circulação do sentido**. Campinas, SP: Pontes, 2001.

PERLES, João Batista. O gênero textual no suporte jornal: controvérsias e proposta. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/perles-joao-genero-textual.pdf>. 2008.

RODRIGUES, Rosangela Hammes. Os gêneros do discurso da esfera jornalística. In: **A constituição e o funcionamento do gênero jornalístico artigo: cronotopo e**

dialogismo. 2001. 347 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

SCHNEUWLY, B. e DOLZ, J. (Org.) **Gêneros orais e escritos na escola**. São Paulo: Mercado de Letras. 2004.

SILVA, Antônio Carlos. As teorias do signo e a significação linguística. **Revista Partes**, ano 3, n.39, São Paulo: SP. Disponível em <http://www.partes.com.br/index39.asp>. Acesso em 21 fev. 2013.

SILVA, Christiane Augusto Gomes da. A condicionalidade e o intertexto como instrumentos de persuasão em horóscopos: uma abordagem sistêmico-funcional. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: SP, 2007.